



A large, stylized number '9' is the central focus of the page. It is rendered in a light gray color with a white interior. The top of the '9' is a semi-circle, the middle is a vertical oval, and the bottom is a wide, curved base. The number is centered vertically and horizontally on the page.

RESENHAS



A paradoxal construção da realidade

Márcia Ribeiro Landsmann

MOTTA, Luiz Gonzaga (2006). *Notícias do fantástico*. São Leopoldo: Unisinos. 268 p.



Resumo: Fatos insólitos, aqui chamados de “notícias do fantástico”, publicados nos jornais de referência compõem o *corpus* de trabalho da pesquisa. O insólito é apresentado como um valor/notícia explorado nos relatos jornalísticos conforme seu grau de inusitabilidade. Partindo do princípio de que a relação emissor/destinatário é um processo dinâmico de co-criação de sentidos, o autor observa os jogos de linguagem e a construção de sentidos no ato comunicativo desencadeado pelos enunciados jornalísticos. O estudo revela que os editores reafirmam sua autoridade por meio da estética do fantástico e que a estratégia da sedução consiste em apresentar “estranhos fenômenos” ocorridos em mundos “irreais” para, em seguida, explicá-lo ou ironizá-lo, resgatando o leitor deste universo e posicioná-lo diante da segurança e da ordem do “mundo real”.

Palavras-chave: efeitos de sentido; jogos de linguagem; pragmática; fantástico

Abstract: *The paradoxical construction of reality* — Strange facts published in the newspapers of reference, herein called ‘news of the fantastic’, make up the corpus of this research project. Strangeness is presented as a news value exploited in journalism according to its degree of fantasticality. Starting from the premise that the sender-recipient relationship is a dynamic process of co-creation of meanings, the author observes the language games and the construction of meaning in the communicative act triggered by journalistic statements. The study reveals that the editors reassert their authority through the aesthetics of the fantastic and that the strategy of seduction consists of presenting ‘strange phenomena’ occurring in ‘unreal’ worlds and then explaining or ironizing them, thereby rescuing the reader from this universe and returning him to the safety and order of the ‘real world’.

Keywords: effects of meaning; language games; pragmatics; fantastic

Apesar de o jornalismo não guardar espaço para a publicação de histórias absurdas — característica da literatura e do cinema —, não raro é possível encontrar relatos de estranhos fenômenos, tanto no jornalismo popular quanto no de referência. Em *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Zero Hora*, *Correio Braziliense* e outros veículos de grande circulação e que têm como marca a credibilidade de seu leitor foram publicadas notícias sobre um lobisomem que surge num seringal, um ladrão arrependido do roubo praticado, um concurso para eleger o homem mais feio, a proibição de pessoas gordas desfilarem em público com roupas de banho e outros fatos cuja característica comum é o inusitado, o estranho e o misterioso, que estão inseridos nos valores/notícia enquanto ruptura ou transgressão da normalidade.

O relato da notícia não apenas enuncia algo como desencadeia uma série de processos cognitivos e simbólicos que ultrapassam as intenções tanto de quem produz quanto de quem consome. Para estudar a construção de sentidos no jornalismo, Luiz Gonzaga Motta partiu da estética do fantástico. A ideia não foi estudar o fantástico no jornalismo tal como ocorre na literatura ou no cinema, mas tomar a estética do fantástico como parâmetro de análise dos jogos de linguagem a partir das notícias que relatam inversões morais, éticas e, sobretudo, radicais, fundamentadas no valor/notícia da inusitabilidade (característica das *soft news* ou *fait divers*) para identificar outras intencionalidades que não a informativa — o que contraria as normas profissionais da “boa reportagem”.

A presença do fantástico (ou de manifestação semelhante) leva os enunciados noticiosos para os limites do jornalismo [...] É nessas fronteiras que o jornalismo parece ceder e abandonar sua racionalidade, submetendo-se à fábula e aos mitos, impregnando-se dos mistérios e dos absurdos. (p. 10)

O insólito atrai a atenção do jornalista, entretanto costuma ser tratado como acontecimento paranormal, histeria, alucinação coletiva, caso exótico e ironizado ou debochado por fazer parte da credence popular. Isso porque “o jornalismo é o lugar da racionalidade, da linguagem objetiva e referencial, não da imaginação” (p. 9). Em outras palavras, os fenômenos inexplicáveis criam hesitações e atraem o olhar dos jornalistas e dos leitores, mas os editores não deixam que essa perplexidade tome conta do público. Antes disso, eles recuam e explicam tudo, dando lugar à racionalidade.

Jogos de co-criação de sentidos

Dividido em três grandes partes, o livro começa localizando o leitor numa análise pragmática da notícia. Nos dois primeiros capítulos, as explicações estão centradas em compreender a comunicação como “um processo dinâmico de co-criação de sentidos entre um sujeito emissor e um sujeito destinatário” (p. 33), e expor os pressupostos epistemológicos e alguns fundamentos que amparam a pesquisa.

Aqui o “princípio de cooperação” ampara a investigação no sentido defendido por autores da pragmática que vai além do significado literal das palavras. As intenções e os reconhecimentos fazem parte do contrato de comunicação entre jornalista e leitor e chamam a atenção para os significados intencionais implícitos e explícitos, conscientes ou inconscientes. Entretanto, antes mesmo de se falar em estilo, Motta justifica a análise retórica como instrumento auxiliar de análise empírica das notícias por ver a produção jornalística como um estilo discursivo que promove efeitos sobre o interlocutor.

No terceiro capítulo do livro, o autor discute o aspecto ambíguo das notícias, mostrando como elas nos colocam em contato com aspectos da vida cotidiana, dimensionam e ordenam os acontecimentos mais distantes.

Além de descreverem literalmente ocorrências do mundo, permitem implícita ou explicitamente que o universo mítico venha habitar de maneira contraditória seus enunciados e estimular interpretações para muito além do sentido informativo pretendido. (p. 49)

Para isso, o editor dá pistas através da diagramação do texto, do título ou das imagens impressas junto às notícias. Dessa forma, indicam ao leitor como a notícia deve ser lida e interpretada. Isso só ocorre porque há um contrato implícito, um conhecimento prévio que garante a compreensão do que está sendo dito pelo jornalista ao leitor. Nas palavras do autor, “a comunicação jornalística não se realiza apenas pela decodificação dos significados literais das mensagens, mas também pelo reconhecimento das intenções dos jornalistas” (p. 100).

A segunda parte do livro traz teorias do fantástico, que servem para auxiliar a observação das intenções, enquanto ato que envolve tanto quem fala quanto quem lê para garantir a interpretação que se deseja. Esse processo inclui desde a escolha dos temas insólitos nos relatos jornalísticos à forma como a linguagem das notícias é afetada por isso. Inúmeras vezes o autor ressalta que não tem qualquer pretensão de encontrar o fantástico literário no jornalismo. O que se destaca do fantástico para essa análise é a “experiência cognitiva nos fluxos de sentido predominantes no mundo da vida” (p. 56).

Motta revisa críticos da literatura para se aproximar de uma definição sobre o fantástico. Ele parte da ideia de se tratar de “uma experiência estética ou emocional que se manifesta por meio de um estado de espanto ou assombro frente a um fato ou ao relato de um fato inverossímil (insólito)” (p. 56). Desse ponto em diante, relaciona experiências do insólito e do fantástico no mundo “real” e “irreal” até chegar à construção de categorias estéticas do fantástico.

Como *corpus*, o autor destaca cerca de quarenta notícias do insólito retiradas de vários jornais de referência dominante, chamadas por ele de “notícias do fantástico”, ressaltando mais uma vez que o fantástico no jornalismo não é o mesmo da teoria literária, pois não se trata de obra ficcional. Ele classifica esse tipo de notícia em três grandes categorias: insólito/estranho, insólito/cômico e insólito/grotesco. E elas ganharam subcategorias: fantástico/estranho; fantástico/cômico; e fantástico/grotesco.

A primeira categoria faz referência àquelas notícias “em cujo fato relatado prepondera a inversão radical do real” (p. 98). Entre os exemplos que o livro traz, a notícia publicada na *Folha de S. Paulo*, em 3 de setembro de 1990, “Empregada doméstica tem dois velórios na BA” é um fato que está entre o estranho e o fantástico e pode ser classificado na subcategoria fantástico/estranho. Ainda nesse conjunto de notícias o autor inclui as Fadas do Fantástico, categoria de notícias que se aproxima do fantástico pela causa e se diferencia da notícia anterior graças à intervenção de alguma entidade imaginada, como a exemplificada na notícia publicada em *O Globo*, em 8 de agosto de 1988, “Americano vira barão”, cujo efeito pretendido é a incredulidade.

Na subcategoria do insólito/cômico, o fantástico/cômico, preponderam os excessos ou as ausências nas notícias. Por exemplo, “Vilarejo perde 36 letras”, notícia publicada em *O Globo*, de 12 de novembro de 1988. Nessa como nas outras notícias dessa subcategoria a qualidade comum é a comicidade do insólito, algo suave, leve, para fazer rir. Essa característica será desdobrada e desenvolvida no conjunto de notícias denominado por Motta de “Bestiário Fantástico”.

Já a terceira subcategoria diz respeito aos aspectos corpóreos risíveis chamados de fantástico/grotesco, e é caracterizada pela “vulgarização divertida e brincalhona de aspectos corpóreos” (p. 197).

Todo esse percurso acompanhado pelas 264 páginas do livro *Notícias do fantástico* descortina a ambiguidade existente nos jogos de linguagem das notícias do fantástico, que cria um processo cognitivo de estranhamento e familiarização com os fatos do cotidiano e uma paradoxal construção da realidade. Com isso, o autor revela o papel da notícia como o de um guardião encarregado de “proteger” o leitor no mundo conhecido através de um trabalho simbólico de cooperação e co-construção de realidades imediatas, afinal “o mundo da razão precisa prevalecer” (p. 264).

MÁRCIA RIBEIRO LANDSMANN é jornalista e mestrande do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

mlandsmann@hotmail.com